

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE FILOSOFIA

1

3^a
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



/SeeducRJ



/seeducrj



/seeducurio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação

Comte Bittencourt
Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco
Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima
Superintendente Pedagógica

Coordenadoria de Área de conhecimento
Maria Claudia Chantre

Assistentes

Carla Lopes
Fabiano Farias de Souza
Roberto Farias
Verônica Nunes

Texto e conteúdo

Prof. Alexandre Botelho José
CIEP 394 Cândido Augusto Ribeiro Neto
Prof. Vitor Dantas de Moraes
C.E. Irineu José Ferreira
Prof. Diego Felipe de Souza Queiroz
Instituto de Educação Carmela Dutra

Capa

Luciano Cunha



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Revisão de texto

Prof^a Alexandra de Sant Anna Amancio Pereira

Prof^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco.

Prof^a Cristiane Póvoa Lessa

Prof^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof^a Elizabete Costa Malheiros

Prof^a Ester Nunes da Silva Dutra

Prof^a Isabel Cristina Alves de Castro Guidão

Prof José Luiz Barbosa

Prof^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof^a Leila Regina Medeiros Bartolini Silva

Prof^a Lidice Magna Itapeassú Borges

Prof^a Luize de Menezes Fernandes

Prof Mário Matias de Andrade Júnior

Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof^a Rosani Santos Rosa

Prof^a Saionara Teles De Menezes Alves

Prof Sammy Cardoso Dias

Prof Thiago Serpa Gomes da Rocha

Esse documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.



Filosofia – Orientação de Estudos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. AULA 1: Hora do vídeo!	7
3. AULA 2: Estética e Filosofia	7
3.1. A construção da Estética.....	8
3.2. Definição de Arte na Estética	10
3.3. Arte na História.....	12
4. AULA 3: #Papo de Filósofo: Marilena Chaui.....	14
4.1. Arte e Técnica	15
4.2. Vamos refletir:	16
5. AULA 4: O gosto nosso de cada dia!	17
5.1. O belo e o feio	17
5.2. E aí, “gosto se discute”?	19
6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?	23
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7.1. Leitura Sugerida:	26
8. RESUMO	27
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

DISCIPLINA: Filosofia.

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS PARA FILOSOFIA

1º Bimestre de 2020 – 3ª Série do Ensino Médio

Prof. Alexandre Botelho José

META:

Apresentar a Arte como forma de expressão cultural nas mais diversas épocas e como o ser humano se (re)constrói a partir do bem fazer e do multiculturalismo social.

OBJETIVOS:

Ao final destas Orientações de Estudos, você deverá ser capaz de:

- Identificar a Arte como forma de conhecer e de fazer em diferentes épocas;
- Identificar o bem fazer e o cuidado de si como elementos para a construção da autobiografia.



1. INTRODUÇÃO

Caros alunos,

Vamos iniciar nossos estudos pensando sobre o belo, a beleza. E uma das perguntas que não se quer calar é “Gosto se discute?”. Você já deve ter ouvido esse questionamento e na maioria das vezes você já ouviu... “*gosto NÃO se discute*”. Mas, você verá nessas aulas que tudo pode mudar. Vamos lá?

O propósito desse bimestre é refletir sobre a noção de arte e técnica acompanhando a história do conceito arte em diferentes épocas. Vamos problematizar o *senso comum* que afirma que gosto não se discute, aprendendo que a educação estética nos ensina a afinar o gosto e por isso gosto se discute sim, e mais do que isso, gosto se aprende e até se modifica a partir da educação dos sentidos. O propósito é que você consiga diferenciar o verdadeiro “artista” do estereótipo criado na “celebridade”, que a cultura de massa nos impõe na atualidade. E por fim, pretendemos que alcance a importância da arte como um conhecimento que constitui o ser humano, que faz com que cada indivíduo tenha gostos diferentes, porém, mantém uma relação social sadia. Fazemos arte e a arte nos faz. Entender a importância do ser humano como ser simbólico e a importância da arte é nosso objetivo maior!

Assim, iniciamos nosso ano letivo intensificando ainda mais nossos estudos e ampliando nossos conhecimentos filosóficos.

Bons estudos filosóficos!

2. AULA 1: Hora do vídeo!

O que é a beleza? Por que nós achamos as coisas belas? Será que a beleza está nas coisas ou nós é que criamos noções de beleza e aplicamos nas coisas? O belo depende de cada um de nós ou é algo que nos é imposto? Ela é subjetiva ou pode haver um consenso sobre o que é belo? Há alguma razão nesse critério? Que beleza de vídeo-aula, hein!?

No vídeo abaixo você verá como a beleza faz parte da nossa vida. O prof. Daniel Gomes fala desse assunto com muita propriedade citando diversos filósofos e contextualizando muito bem o nosso tema do bimestre e que você irá no decorrer dessas Orientações de Estudos. Vamos lá?



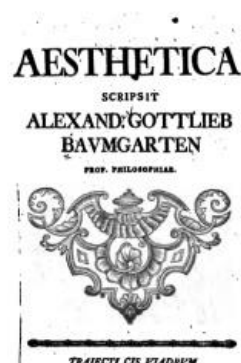
Acesse:

<https://youtu.be/FWpl4xYk5uc>

3. AULA 2: Estética e Filosofia

Caro aluno,

Você já deve imaginar que a “arte” faz parte do mundo humano desde a Pré-história e com certeza, ocupou lugares de grande importância em todas as civilizações, haja vista que a arqueologia está sempre buscando artefatos antigos e podemos ver em museus de todo mundo a importância das obras de artes. Etimologicamente, a palavra *estética* vem do Grego e significa “faculdade de perceber”, “compreensão pelos sentidos”, “percepção totalizante”. Este termo foi cunhado pelo filósofo alemão **Alexander Gottlieb**



Alexander Gottlieb Baumgarten

Fonte: https://pantheon.world/profile/person/Alexander_Gottlieb_Baumgarten/

Baumgarten (1714-1831) em torno do ano 1750 para designar o estudo da sensação, “a ciência do belo”, referindo-se à cognição por meio dos sentidos, ou seja, o conhecimento sensível, àquilo que agrada aos sentidos. Mais tarde, passou a usar o termo com referência à percepção da beleza, especialmente na arte e se tornou um dos ramos mais tradicionais do ensino da Filosofia.

3.1. A construção da Estética

Quando falamos de *estética*, temos que ter em mente que ela é um ramo da filosofia que estuda racionalmente os valores propostos pela arte e os sentimentos que despertam nos seres humanos. Ela é a parte da filosofia que trata da beleza, dos princípios e regras que determinam o que é ou não bonito, conduzindo o ser humano à percepção, apreciação e produção de tudo que é considerado belo. É interessante perceber como que a arte influencia o ser humano, ajuda a refletir sobre a percepção da vida e de tudo que nos rodeia ao ponto de enobrecer, elevar e nos conduzir na (re)construção das nossas próprias personalidades, os nossos gostos e nos faz traçar a nossa própria autobiografia.

Este campo da filosofia está sempre preocupado em estabelecer os princípios e leis que regem as coisas belas, quando aplicamos estas leis e princípios na elaboração de algo que expresse beleza, estamos, literalmente, diante do que denominamos de *arte*. E falamos de arte em todos os sentidos, sejam pinturas, músicas, trabalhos manuais, etc. Se pegarmos o senso comum, até um prato de comida bem elaborado é também uma “obra de arte”. A arte está presente em praticamente todos os campos da nossa vida e a aplicação das regras de beleza sempre geram a produção de belas obras.

Atualmente, o termo “arte” é, em geral, associado à palavra “artista”, ou seja, quem produz a arte, o que produz e com que finalidade. É interessante perceber que, na Grécia antiga e na Idade Média, ao contrário, essa associação não era tão comum. Os artistas criavam obras que eram apreciadas pelas pessoas, mas que não se diferenciavam daquelas feitas pelos artesãos. Mesmo o artesanato sendo um tipo de arte em nossos dias, naquela época arte e artesanato eram atividades distintas e separadas, pois os artesãos estariam ligados mais à “técnica” e o artista à “sensibilidade” da obra, porém eram atividades tão próximas uma da outra que é mais correto chamar o artista do

período antigo e medieval de artesão ou artífice.

Frequentemente também associamos a arte e a criação artística a um talento especial de certas pessoas. Você deve conhecer pessoas que têm um talento “natural”, uma tendência para a arte; você já deve ter conhecido ou visto pessoas que cantam muito bem, outras que desenham sem nunca ter feito um curso, e por aí vai, eles têm facilidade para produzir e interpretar obras estéticas. Porém, nem todos tem esse talento nato. De acordo com essa relação, nem todo mundo seria capaz de produzir arte, mas será que a arte poderia ser aprendida ou simplesmente aperfeiçoada e lapidada? Para os gregos e os latinos, contudo, arte designava um saber-fazer, uma capacidade de produzir algo útil ou meramente destinado à contemplação. A arte nada mais seria que um conhecimento prático, um saber executado numa tarefa. Assim, a palavra “arte” podia ser aplicada tanto às obras de arte (escultura, pintura etc.) como aos artesanatos e manufaturas (confeção manual de sapatos, móveis, etc.), o que é um conceito aplicado até nossos dias.

A estética é algo muito diferente das teorias da arte, às quais correspondia uma práxis (ação) e, portanto, pretendiam estabelecer normas e diretrizes para a produção artística. A estética é uma filosofia da arte, o estudo, sob um ponto de vista teórico, de uma atividade da mente: a estética, de fato, se situa entre na lógica, ou filosofia do conhecimento, e a moral, ou filosofia da ação. É também, notoriamente, a ciência do “belo”, mas o belo é o resultado de uma escolha, e a escolha é um ato crítico ou racional, cujo ponto de chegada é o conceito. Não se pode, contudo, dar uma definição absoluta do belo; como é a arte que o realiza, só se pode defini-lo enquanto realizado pela arte. É verdade, porém que se faz uma distinção entre o belo da arte e o belo da natureza, mas as duas formas do belo estão em estreita relação: como a arte, por definição, é imitação, não existiria o belo artístico se não se imitasse a natureza; no entanto, se a arte não ensinasse a escolher o belo entre as infinitas formas naturais, não teríamos noção do belo na natureza.

ARGAN, G. C. **Arte moderna:** Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

Historicamente, podemos definir o estudo da **arte**, da **beleza** perceptível ou a percepção do **belo** na natureza em dois grandes momentos ou fases:

- **Filosofia tradicional:** A consideração do *belo* no mundo clássico, greco-romano, e no Ocidente Medieval. E a *estética da percepção* das essências integrada à Ética e à Lógica (belo = bem = verdade); e
- **Períodos Moderno e Contemporâneo (sécs. XV-XX):** A filosofia do *belo* propriamente dita, do *sublime* até, por fim, a *estética* como ausência da beleza e a coisificação (ou “coisidade”, como diria o filósofo Heidegger)

da obra de arte – o termo estética como ciência filosófica do belo, agregada ao estudo da essência da arte e de suas relações com a beleza e os demais valores.

Esta é uma divisão bem generalizada, mas é somente para termos uma ideia de como a arte e a estética filosófica se desenvolveu no decorrer dos séculos.

3.2. Definição de Arte na Estética

Precisamos entender que existe uma grande dificuldade de responder à pergunta: “*o que é arte?*”, ainda mais na estética. Quando falamos de arte, temos que ter em mente que estamos falando de uma variedade infindável de possibilidades, envolvendo as artes plásticas, a pintura, a escultura, a música, a literatura, artes cênicas da dança, do teatro e várias outras. Podemos até expandir para certos esportes de desempenho, como patinação, balé, mergulho, ginástica, etc. Há ainda quem diga que o simples escrever de um poema já é uma “obra de arte”. Percebe como é uma definição complexa?

A palavra “arte” vem do latim, mas se relaciona com a palavra grega *téchne* = técnica. Então para refletirmos sobre o que é arte, vamos precisar antes, pensar o que é **técnica**. Usamos essa palavra muitas vezes, mas nem sempre conseguimos explicar facilmente o que entendemos por técnica. E faz parte da filosofia trabalhar com definições e conceitos precisos. Apresentamos uma definição bem simples: **“técnica é toda atividade humana submetida a regras com vistas à fabricação de alguma coisa”**.

Como a palavra arte e técnica, em um passado distante, significavam a mesma coisa, podemos perceber que em sentido mais amplo, “*ars*” ou “*téchne*” significavam habilidade e agilidade para inventar meios para vencer uma dificuldade. Perceba como muitas coisas que hoje não pensamos como arte se encaixa nessa definição: Arte médica, arte da navegação, arte da caça, arte da pintura, arte da jardinagem, etc., ou seja, toda atividade que o ser humano realizava seguindo regras para executar melhor a tarefa, na Grécia antiga, onde a Filosofia nasceu, era chamada de **arte**.

Então como podemos refletir sobre tudo isso? O que isso nos ajuda a pensar? Precisamos compreender que para os gregos antigos, **arte** era o “bem

fazer”, o fazer com zelo, cuidado, qualidade. Assim podemos pensar que tudo aquilo que fazemos com cuidado, buscando conscientemente a melhor forma de realizar a atividade poderia ser visto como uma forma de arte. Perceba que a definição apresentada indica um **fazer**. E um fazer específico que realiza algo, ou seja, não é meramente teórico. Desde sempre a arte ou técnica se apresenta como *um saber prático que se opõe ao espontâneo ao que é natural*. A **arte** vai sempre criar alguma coisa.

É preciso compreender ainda que a Filosofia Analítica, na contemporaneidade, procurou resolver o problema da definição da **arte**, pois não era possível conceber um conceito “fechado”, afinal, se procurarmos uma definição específica, para realmente ser uma obra de arte, a suposta obra deve corresponder a um conceito “preexistente” do que é uma obra de arte. Dessa forma, o conceito de arte existiria independentemente do trabalho dos artistas, situação que gera um grave dilema: ***o que aconteceria se um artista criasse uma obra que não correspondesse ao conceito preestabelecido de obra de arte?***



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/arte/>

Consegue perceber como a arte é algo que vai muito além do “fazer” propriamente dito? A tirinha do Will acima demonstra como podemos ter percepções diferentes conforme a nossa própria expectativa. Então estamos aqui num dilema, entre o “bem fazer” e a “liberdade de expressão artística”. Percebe como é difícil a definição? Bem, atualmente temos uma noção de conceito aberto para a arte, pois é impossível postular um conceito “fechado” de arte porque a obra de arte está sujeita à criatividade do artista e também ao que decidimos ser a própria arte, ou seja, a forma que cada um de nós vamos (re)interpretar a própria arte.

3.3. Arte na História

Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo grego da antiguidade, já se preocupava em separar as coisas para melhor estudá-las. Foi ele que começou a tentar a separar e classificar tudo que nos rodeia, inclusive as ações humanas. A partir dele, outras divisões foram surgindo para nos ajudar a entender mais e melhor essa atividade humana.



ARISTÓTELES

Fonte:

<http://estacio.webaula.com.br/cursos/gra044/aula2.html>

Dessas classificações surgiram uma denominação que obedecia ao padrão clássico da divisão social do mundo antigo. Na antiguidade, os homens livres desprezavam o trabalho manual e valorizavam somente o trabalho do intelecto e os escravos faziam todo trabalho manual. E o trabalho manual, realizado pelos escravos, era considerado menos importante! Estas eram chamadas de artes **liberais** e artes **mecânicas**.

Essa divisão durou muitos séculos! Lembre-se de que, na linha do tempo, a Idade Média se segue a Antiguidade Clássica (Grécia antiga). E no período medieval, a religião era determinante para todas as relações humanas. E na perspectiva religiosa: a alma é livre e o corpo é uma prisão. Assim, também durante a Idade Média as artes liberais eram superiores às artes mecânicas.

Mas quando a burguesia começa a enriquecer devido exatamente ao trabalho, o mundo se transforma. Vem o Renascimento! Somente com o Renascimento, com a valorização da burguesia que enriquecia devido ao trabalho e uma maneira diferente dos seres humanos “pensarem quem é o Homem” na sua relação com o mundo é que as artes mecânicas começam a ganhar um status de conhecimento. Vamos lembrar como houve essas mudanças?

Uma das características marcantes da Idade Média é o **teocentrismo** (Deus no centro de tudo), ao passo que no renascimento é o **antropocentrismo** (o homem passa a ser o centro). O antropocentrismo faz parte de uma visão de mundo que chamamos de humanismo. É nesse contexto que o corpo humano começa a ser valorizado, pois o humanismo dignifica o corpo humano. Não sendo mais possível desprezar o trabalho físico, do corpo, das mãos, as artes mecânicas se valorizam e surge uma nova divisão. É por aqui que a noção de

artes que temos hoje começa a surgir.

Para compreender todo este contexto vejamos a tabela abaixo:

• Arte - do latim <i>ars</i>; corresponde ao termo grego <i>techne</i> (técnica); significa: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras. Seu campo semântico se define em oposição ao acaso, ao espontâneo e ao natural. • Arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer.	
Platão	A concepção platônica considera a arte uma forma de conhecimento. Não distinguia a arte das ciências nem da Filosofia (como a arte, estas são atividades ordenadas). Distingua dois tipos de arte ou técnica: 1. Judicativas – dedicadas apenas ao conhecimento; 2. Dispositivas ou imperativas – voltadas para direção de uma atividade, com base no conhecimento de suas regras.
Aristóteles	Aristóteles toma a arte como atividade da prática. Estabelece duas distinções: 1. Ciência e Filosofia (<i>necessário</i> – o que não pode ser diferente do que é); Arte ou Técnica (<i>possível / contingente</i> – o que pode ser diferente do que é); 2. É feita dentro do campo do contingente, entre ação (<i>práxis</i>) e fabricação (<i>poiesis</i>).
Plotino	Distingue artes cuja finalidade é auxiliar a Natureza (medicina, agricultura) daquelas cuja finalidade é fabricar objetos com os materiais oferecidos pela Natureza (artesanato).
Varrão	A classificação das artes seguirá padrão determinado pela estrutura social fundada na escravidão (despreza o pelo trabalho manual). Divide as artes em (perdurará do séc. II d. C. ao XV): 1. Liberais – dignas do homem livre (gramática, retórica, astronomia, lógica, aritmética, música, etc.); 2. Mecânicas – própria do trabalhador manual / servil (medicina, arquitetura, agricultura, pintura, escultura, olaria, etc.).
Idade Média (Tomaz Aquino)	As artes <i>liberais</i> e <i>mecânicas</i> foram diferenciadas e justificadas como diferença entre as artes que dirigem o trabalho da razão e as que dirigem o trabalho das mãos. Ora, somente a alma é livre e o corpo é para ela uma prisão, de sorte que as artes liberais são superiores às artes mecânicas.
Renascimento	<i>Humanismo</i> dignifica o corpo humano. Tal dignidade se traduz na batalha e a conversão das artes mecânicas à condição de liberais. Com o desenvolvimento do <i>capitalismo</i> , o trabalho passa a ser considerado causa e fonte de riquezas. Tal valorização acarretou também as das artes.
Final Séc. XVII e Séc. XVIII	Distinguiram-se as finalidades das artes mecânicas: 1. A finalidade pode ser útil aos homens (medicina, agricultura, culinária, artesanato); 2. Aquelas cuja finalidade é o belo (pintura, escultura, arquitetura, poesia, música, teatro, dança). Com a ideia do belo, surgem as sete artes ou belas artes. A distinção entre o útil e o belo leva à noção da arte como ação individual vinda da sensibilidade do artista como gênio criador. Gênio criador (do lado do artista), beleza (do lado da obra) e juízo de gosto (do lado do público) constituem os pilares sobre os quais se erguerá a estética.

**Final Séc. XIX
e Séc. XX**

As artes passaram a serem concebidas menos como criação genial e mais como expressão criadora, isto é, como transfiguração do visível, do sonoro, do movimento, da linguagem, dos gestos em obras artísticas. Não pretendem imitar a realidade, nem pretendem ser ilusões sobre a realidade, mas exprimir por meios artísticos, a realidade.

Fonte: <https://www.eba.ufmg.br/graduacao/materialdidatico/apl001/aula006web.html>

Como foi possível ver, a ideia de arte como imitação da natureza fazia sentido nos primeiros séculos e junto aos primeiros pensadores, mas não podia mais fazer sentido no século XX, pois excluiria obras que não buscavam imitar a natureza. Até porque com a modernidade a “arte” perdeu a função utilitária e passou a adquirir função estética e artística, procedimento impensável anteriormente. Dessa forma, a definição de “arte” como um conceito aberto passa a ter uma importância real. Mas não é uma tarefa fácil, pois como percebemos achar uma definição que abarque todas as formas de produções de arte, desde os primeiros desenhos de cavernas até as novas formas digitais de cinema, é uma missão. A definição mais contemporânea acordada é que a arte é qualquer coisa que é abstrata, é tudo o que os humanos fazem, o que não é simplesmente algo que existe ou possa ser copiado da natureza.

Cada obra de arte parte de um duplo ponto de partida: do desejo do artista de exprimir alguma coisa que ainda não sabe bem o que é e que somente a obra realizada lhe dirá; e do excesso de significações que as outras obras possuem e que elas próprias não chegaram a exprimir, excesso que só existe porque tais obras existem e o fizeram aparecer. Assim, a obra de arte nos traz uma última revelação: mostra que a História é o movimento incessante no qual o presente (o artista trabalhando) retoma o passado (o trabalho dos outros) e abre o futuro (a nova obra, instituinte).

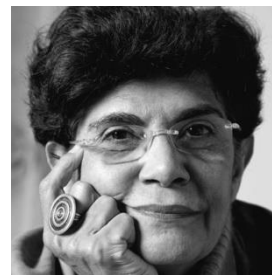
CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000, p. 417.

4. AULA 3: #Papo de Filósofo: Marilena Chaui

No seu livro **Convite à Filosofia**, a Profa. Marilena Chaui trata de muitos assuntos e dentre eles ela fala sobre o universo das artes. Traz as artes num desvendamento do mundo recriando o mundo noutra dimensão e sob diversos pontos de vista, um deles é a técnica como forma de arte. Leia o excerto e responda os questionamentos abaixo:

4.1. Arte e Técnica

A palavra *arte* vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando: *o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras*. Em sentido lato, significa habilidade, destreza, agilidade. Em sentido estrito, instrumento, ofício, ciência. Seu campo semântico se define por oposição ao **acaso**, ao **espontâneo** e ao **natural**. Por isso, em seu sentido mais geral, arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer.



MARILENA CHAUI

Fonte:

<https://artepensamento.com.br/autor/marilena-chau/>

Nessa perspectiva, falamos em arte médica, arte política, arte bélica, retórica, lógica, poética, dietética. Platão não a distinguia das ciências nem da Filosofia, uma vez que estas, como a arte, são atividades humanas ordenadas e regradas. A distinção platônica era feita entre dois tipos de artes ou técnicas: as *judicativas*, isto é, dedicadas apenas ao conhecimento, e as *dispositivas* ou *imperativas*, voltadas para a direção de uma atividade, com base no conhecimento de suas regras.

Aristóteles, porém, estabeleceu duas distinções que perduraram por séculos na Cultura ocidental. Numa delas distingue ciência-Filosofia de arte ou técnica: a primeira refere-se ao **necessário**, isto é, ao que não pode ser diferente do que é, enquanto a segunda se refere ao **contingente** ou ao **possível**, portanto, ao que pode ser diferente do que é. Outra distinção é feita no campo do próprio possível, pela diferença entre **ação** e **fabricação**, isto é, entre *praxis* e *poesis*. A política e a ética são ciências da ação. As artes ou técnicas são atividades de fabricação.

Plotino completa a distinção, separando teoria e prática e distinguindo as técnicas ou artes cuja finalidade é auxiliar a Natureza – como a medicina, a agricultura – daquelas cuja finalidade é fabricar um objeto com os materiais oferecidos pela Natureza – o artesanato. Distingue também um outro conjunto de artes e técnicas que não se relacionam com a Natureza, mas apenas com o próprio homem, para torná-lo melhor ou pior: música e retórica, por exemplo.

A classificação das técnicas ou artes seguirá um padrão determinado pela sociedade antiga e, portanto, pela estrutura social fundada na escravidão, isto é, uma sociedade que despreza o trabalho manual. Uma obra, *As núpcias de Mercúrio e Filologia*, escrita pelo historiador romano Varrão, oferece a classificação que perdurará do século II d.C. ao século XV, dividindo as artes em *liberais* (os dignas do homem livre) e *servis* ou *mecânicas* (próprias do trabalhador manual).

São artes liberais: gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e música, compondo o currículo escolar dos homens livres. São artes mecânicas todas

as outras atividades técnicas: medicina, arquitetura, agricultura, pintura, escultura, olaria, tecelagem, etc. Essa classificação diferenciada será justificada por santo Tomás de Aquino durante a Idade Média como diferença entre as artes que dirigem o trabalho da razão e as que dirigem o trabalho das mãos. Ora, somente a alma é livre e o corpo é para ela uma prisão, de sorte que as artes liberais são superiores às artes mecânicas.

[...]

A primeira dignidade obtida pelas artes mecânicas foi sua elevação à condição de conhecimento, como as artes liberais. A segunda dignidade foi alcançada no final do século XVII e a partir do século XVIII, quando distinguiram-se as finalidades das várias artes mecânicas, isto é, as que têm como fim o que é **útil** aos homens – medicina, agricultura, culinária, artesanato – e aquelas cujo fim é o **belo** – pintura, escultura, arquitetura, poesia, música, teatro, dança. Com a ideia de beleza surgem as **sete artes** ou as **belas-artes**, modo pelo qual nos acostumamos a entender a arte.

A distinção entre artes da utilidade e artes da beleza acarretou uma separação entre *técnica* (o útil) e *arte* (o belo), levando à imagem da arte como ação individual espontânea, vinda da sensibilidade e da fantasia do artista como **gênio criador**. Enquanto o técnico é visto como aplicador de regras e receitas vindas da tradição ou da ciência, o artista é visto como dotado de **inspiração**, entendida como uma espécie de iluminação interior e espiritual misteriosa, que leva o gênio a criar a obra. Além disso, como a obra de arte é pensada a partir de sua finalidade – a criação do belo –, torna-se inseparável da figura do público (espectador, ouvinte, leitor), que julga e avalia o objeto artístico conforme tenha ou não realizado a beleza. Surge, assim, o conceito de juízo de gosto, que será amplamente estudado por Kant. Gênio criador e inspiração, do lado do artista (fala-se nele como “animal incomparável”); beleza, do lado da obra; e **juízo de gosto**, do lado do público, constituem os pilares sobre os quais se erguerá, como veremos adiante, uma disciplina filosófica: **a estética**.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

4.2. Vamos refletir:

1. Reescreva com suas palavras uma definição para técnica e busque dar exemplos de tarefas simples e cotidianas que você realiza com técnica, mas que agora você pode compreender como uma forma de arte.
2. Comente a relação entre o útil e o belo nas artes e como podemos compreender no contexto das sete Belas Artes (Arquitetura, Escultura, Pintura, Música, Literatura, Dança e Cinema).

5. AULA 4: O gosto nosso de cada dia!

E aí pessoal!

Temos visto como a arte faz parte da vida do ser humano, também vimos como a Filosofia ajuda o ser humano a definir o que é “arte” através dos conceitos da Estética no decorrer da história. Mas como que chegamos a conclusão de que algo é belo? Porque uns acham algo bonito e outros, feio? O que é beleza? Será que podemos defini-la? Será que o gosto é subjetivo, ou seja, depende de cada um?

O que vocês acham? Vamos investigar essas temáticas?

5.1. O belo e o feio

Quando falamos de “beleza” temos que ter em mente que por muito tempo tentou-se explicar esses conceitos, porém, sem fechar uma definição. Até hoje, ainda existem debates calóricos sobre essa temática. Um dos primeiros filósofos a discutir a “beleza” foi **Platão (428-347 a.C.)**, para ele a beleza é a única ideia que resplandece no mundo e faz parte do caráter sensível e existe no mundo das ideias. Ele não está preocupado com a beleza que se encontra nas coisas, mas numa beleza ideal. Isso quer dizer que os objetos só são belos na medida em que participam do ideal de beleza, que é perfeito, imutável, atemporal e suprassensível, isto é, está além da dimensão material. Isso quer dizer que a beleza não está no objeto em si, mas como vemos esse objeto. Curioso né?



PLATÃO

Fonte:

<http://estacio.webaula.com.br/cursos/gra04/4/aula2.html>

Você já percebeu que a beleza é uma das maiores preocupações dos seres humanos? As pessoas fazem de tudo para parecerem belas, mas a beleza não está só nas pessoas, mas pode ser contemplada nas obras de arte, em objetos do uso cotidiano e, claro, no próprio corpo humano. O problema não é querer ser belo, mas é achar que esse é o objetivo fim da vida. Compreende?

[DICIONÁRIO]: BELEZA

Caráter do que é belo, podendo aplicar-se a coisas, a pessoas ou a obras de arte. O filósofo considera que o belo é aquilo que desperta nos homens um sentimento particular chamado “emoção estética”, e acredita que tal sentimento seja inteiramente desinteressado, muito embora seja parcialmente determinado pelos hábitos e pelos conhecimentos: até mesmo as emoções estéticas que sentimos diante de certos espetáculos da natureza dependem, pelo menos em parte, dos valores culturais do momento.

JAPIASSÚ, H. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Atente que na história da humanidade os padrões de beleza mudam de acordo com diferentes culturas e épocas e que esses padrões e estão presentes em tudo na vida. Para vocês terem ideia, nos séculos XVII e XVIII, do outro lado da polêmica, os filósofos empiristas Locke e Hume relativizam a beleza, uma vez que ela não é uma qualidade das coisas, mas só o sentimento na mente de quem as contempla, ou seja, é como se a beleza dependesse exclusivamente do quanto prazer ela traz para a nossa mente. Dessa forma, para eles todos os julgamentos de beleza são verdadeiros, e todos os gostos são igualmente válidos. Mas será? Será que o que eu acho belo, mas o outro não concorda, ambos estão certos? Já pensou sobre isso?

[DICIONÁRIO]: GOSTO

Na filosofia de Kant, o gosto é a “faculdade de julgar o belo”. Quando ele fala em “juízo do gosto”, quer dizer duas coisas: a) “o gosto é a faculdade de julgar um objeto ou um modo de representação, sem nenhum interesse, por uma satisfação ou uma insatisfação. Chamamos de belo o objeto de uma tal satisfação”; b) “pelo juízo do gosto (sobre o belo), atribuímos a cada um a satisfação proporcionada por um objeto [...] Poderíamos mesmo definir o gosto pela faculdade de julgar aquilo que torna nosso sentimento, procedendo de uma representação dada, universalmente comunicável, sem a mediação de um conceito”.

JAPIASSÚ, H. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

E o “feio”, a “feiura”, será que também são julgados pelas mesmas medidas do belo? A questão do feio está implícita na mesma problemática do belo que acabamos de falar. Porém, a princípio, o feio não pode ser objeto da arte e foi banido do território artístico durante séculos (pelo menos desde a Antiguidade grega até a época medieval), no século XIX ele foi reabilitado. Mas, será que o feio é mesmo oposto à beleza? Faz sentido falar sobre a beleza do feio ou sobre a bela representação do feio? A feiura é necessária para falar sobre o belo? Percebe como é complexo?

A conclusão que chegamos é que o feio, logicamente, não é o oposto do “belo” e ambos não são contraditórios, mas sim antipodais. Eles se excluem, mas deixam a porta aberta para termos intermediários neutros. “Não é bonito” não coincide com “feio” ou “bonito”, em si. Ou seja, você pode achar que uma pessoa não é bonita, mas também que não é necessariamente feia. Tudo é uma questão de percepção e aceitação. Veja a tirinha abaixo e reflita sobre os seus valores de beleza. E aí? O que achou?



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/beleza-interior/>

5.2. E aí, “gosto se discute”?

Para iniciar a nossa pergunta precisamos saber que alguns filósofos também se prestaram a pensar sobre a possibilidade ou não da universalização do “gosto”. Não no sentido de impor um “padrão” universal de gosto para as sociedades de que faziam parte e muito menos estavam interessados na busca da beleza física, e sim, da reflexão sobre a “beleza” que se pode contemplar nas artes ou na natureza e dos “juízos de gosto” que daí se pode inferir, ou seja, como cada um de nós “enxergamos” o que estamos contemplando. A discussão aqui é estética, pois se preocupa em pensar as condições em que eu e você construímos esses juízos. E uma vez que são elaborados pela mente a partir das sensações, será que poderia ter validade, alcance e concordância geral?

Nesse ponto, precisamos entender que a nossa preferência não pode ser arbitrária e como ela parte da nossa subjetividade é que compreendemos que o que prefiro está intimamente ligado ao que sou como indivíduo e sujeito em sociedade. A partir daí, é que compreendemos que o gosto não é absoluto (aquilo de que eu gosto é bom e aquilo de que eu não gosto é ruim), pois se você considerar o seu gosto soberano em detrimento do outro, essa atitude só pode levar ao dogmatismo e ao preconceito. Nesse sentido, ter gosto é ter capacidade

de julgamento sem preconceitos. É a própria presença do objeto que forma o gosto: torna-nos disponíveis, supera as particularidades da subjetividade, converte o particular em universal. Consegue compreender?

Vocês já devem ter ouvido a máxima popular, “futebol, política e religião não se discute”, mas e o “gosto”, ele se discute? Provavelmente, já ouviram e talvez até já tenham falado que não. **Gosto não se discute!**

Como assim, não se discute? Estamos numa aula de Filosofia e nesse espaço, tudo se discute! As diferenças entre o que cada um gosta ou não gosta é tema sempre frequente nas conversas cotidianas e também foi foco de muitas discussões filosóficas no decorrer da história. Perceba que a afirmação de que gosto não se discute, tenta deixar cada um no seu “quadrado” e que fique cada um com o gosto que tem! Mas, como vocês já estão no terceiro ano, já sabem que tudo que é do “humano” foi construído e por isso não é imutável. Assim, adquirimos o gostar disso ou daquilo e o gosto não somente se discute como se aprende!

Para entendermos melhor essa relação de Quem nos ajudará a pensar sobre isso será o filósofo alemão, **Immanuel Kant (1724-1804)**, que afirma que “**é possível discutir o gosto**”. Tanto que ele dedicou uma parte significativa de uma de suas obras só para discutir as questões do gosto, a “*Crítica da Faculdade de Julgar*” (ou *Crítica da Faculdade de Juízo*), publicada em 1790. Nessa obra ele aponta que é possível discutir o gosto porque uma discussão é diferente de uma disputa. Filosoficamente, uma **disputa** é uma batalha de argumentos que exigem demonstrações, a fim de que uma ideia prevaleça. Uma **discussão** é um processo de lapidação das opiniões, cuja finalidade é chegar a um acordo entre as partes. Entendeu?



IMMANUEL KANT

Fonte:

<https://onadafilosofico.wordpress.com/>

Em outras palavras:

- No campo científico, **disputamos** sobre a verdade nos apoiando em provas e argumentos que nos ajudem a encontrá-la.
- No campo da estética (conhecimento que versa sobre a sensibilidade humana) **discutimos** as opiniões (o gosto primeiro de cada um) e podemos ir chegando a um consenso.

Assim, não se disputa sobre o “belo”, porém pode-se discuti-lo. Kant afirma ainda que a “experiência estética” é compartilhável e que a “beleza” é uma ideia universal da razão. Seu conteúdo e sua forma podem variar segundo circunstâncias históricas e segundo a subjetividade dos artistas, mas o sentimento de belo, fundamento do juízo de gosto, é universal. Esses juízos de gosto ou juízos estéticos, segundo Kant, possuem três alcances: o belo, o agradável e o útil. Quanto ao agradável e ao útil, que são sentimentos despertados em vista de fins e interesses particulares, eles são contrários ao sentimento do belo, pois este é desprovido de qualquer interesse ou finalidade que não seja ele próprio.

O que está em questão é: como chegamos a ter o gosto que temos? Por que uns acham tal coisa bela e outros não? Estamos no campo da estética, da sensibilidade. Então, vamos lembrar os sentidos e pensar sobre eles?

O SENSO E O SENSÍVEL



The five senses (Os Cinco Sentidos)

Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Hans_Makart

Por que as obras de arte são feitas para os olhos e os ouvidos em geral e não para o nariz, os dedos ou a língua? Por que não é possível comer ou cheirar o belo? Provavelmente, porque visão e audição são considerados os sentidos mais ativos, aqueles que mais se aproximam do pensamento e da razão. Existe em nossa cultura uma certa hierarquia dos sentidos. Essa hierarquia pode ser constatada na série *Os Cinco Sentidos*, do pintor austríaco Hans Makart (1840-1884). Em todas as figuras vê-se uma mulher nua; a especificidade de cada sentido é composta pelos objetos, um espelho ou uma fruta, e pela postura da modelo, ouvindo um som ou cheirando uma flor. Observe que no quadro que representa a visão o corpo da mulher está de frente para o observador; na audição e no olfato, de lado; no paladar e no tato completamente de costas. Esse movimento giratório parece sugerir uma progressão decrescente de uma maior abertura do corpo para o mundo, na visão, até seu estreitamento em si mesmo no tato.

FEITOSA, C. **Explicando a Filosofia com Arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 113.

Como você pode ver na obra *Os Cinco Sentidos* acima, existe uma hierarquia nos sentidos e na forma que podemos “sentir” a arte. Estamos caminhando no sentido de ajudá-lo a compreender que se o gosto se dá através da nossa sensibilidade, e nossa sensibilidade é adquirida pelos nossos sentidos, quando não nos aproximamos de algo, teremos dificuldade de gostar desse algo. Ou seja, precisamos ver, ouvir, tocar, sentir as coisas para aprendermos a gostar delas. Esse é o campo da educação estética.



FRIEDRICH SCHILLER

Fonte:

<https://pixabay.com/pt/illustrations/schiller-friedrich-schiller-desenho-5221550/>

Outro filósofo, também alemão, chamado **Friedrich Schiller (1759-1805)**, escreveu sua bela obra, “*Sobre a Educação Estética do ser Humano numa serie de cartas e outros textos*”, para nos ensinar que a educação estética, ou seja, a educação dos sentidos amplia a nossa humanidade. Crescemos como seres humanos ao aprimorarmos e ampliarmos a capacidades dos nossos sentidos. O equilíbrio proposto por Schiller entre sentimento e entendimento (razão) é fundamental para poder chegar ao conceito de

beleza, por isso:

Os filósofos que, não refletirem sobre este tema, se deixam cegamente dirigir pelo seu sentimento, não poderão chegar a um conceito de beleza, uma vez que não distinguem nenhum aspecto isolado no total da impressão sensível. Os outros, que tomam em exclusivo, o entendimento como guia, nunca poderão atingir um conceito da beleza, uma vez que no total da mesma nada mais discernem para além das partes, permanecendo para eles o espírito e a matéria eternamente separados, mesmo na sua mais perfeita unidade.

SCHILLER, F. *Sobre a Educação Estética do ser Humano numa serie de cartas e outros textos*. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1993, p. 70.

Sabemos hoje, que o corpo participa do processo de conhecimento. Não podemos separar as sensações ou emoções da razão. Razão e Sensibilidade estão presentes na construção dos objetos artísticos, assim como também estão presentes nas criações científicas. A arte não é somente sensibilidade, assim como a ciência não é puramente racional. Razão e sensibilidade são duas dimensões do ser humano e somente jogando com ambas o ser humano realizará sua completude.

E aí, percebeu como o gosto se discute? É preciso (re)pensar o ser

humano, a partir dessa nova cultura voltada para a sensibilidade estética não limitado apenas ao trabalho forçado, alienante, numa sociedade que busca apenas a riqueza material e valoriza apenas o individualismo e o prazer físico. A beleza vai muito além das nossas redes sociais e precisamos valorizar uma beleza criativa, pois não é possível mais pensar numa arte vazia de sentido, uma repetição de fórmulas, frases, temas nem uma busca irrefletida de uma beleza física imposta por padrões de mercado e de consumo. Precisamos desenvolver uma educação para a percepção estética, para a beleza, que não pode ser moralizante, mas visando a um ser humano verdadeiramente livre e mais nobre, digno e feliz. E esperamos que você, estudante, a viva com “arte”, ou seja, buscando FAZER BEM, pensando num passo a passo que o ajude a viver melhor!



#Parasabermais: <https://blogdoenem.com.br/industria-cultural-sociologia-enem/>

6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?

1. (Enem/2012)



Picasso, P. Les Femmes d'Alger (O Version O). Nova York, 1907.

ARGAN, G. C. *Arte moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Foto: Reprodução/Enem)

O quadro *Les Femmes d'Alger (O Version O)* (1907), de Pablo Picasso, representa o rompimento com a estética clássica e a revolução da arte no início do século XX. Essa nova tendência se caracteriza pela

- a) pintura de modelos em planos irregulares.
- b) mulher como temática central da obra.
- c) cena representada por vários modelos.
- d) oposição entre tons claros e escuros.
- e) nudez explorada como objeto de arte.

2. (Enem/2009)

No programa do balé *Parade*, apresentado em 18 de maio de 1917, foi empregada publicamente, pela primeira vez, a palavra *sur-realisme*. Pablo Picasso desenhou o cenário e a indumentária, cujo efeito foi tão surpreendente que se sobrepôs à coreografia. A música de Erik Satie era uma mistura de jazz, música popular e sons reais tais como tiros de pistola, combinados com as imagens do balé de Charlie Chaplin, caubóis e vilões, mágica chinesa e Ragtime. Os tempos não eram propícios para receber a nova mensagem cênica demasiado provocativa devido ao repicar da máquina de escrever, aos zumbidos de sirene e dínamo e aos rumores de aeroplano previstos por Cocteau para a partitura de Satie. Já a ação coreográfica confirmava a tendência marcadamente teatral da gestualidade cênica, dada pela justaposição, colagem de ações isoladas seguindo um estímulo musical.

SILVA, S. M. O surrealismo e a dança. GUINSBURG, J.; LEIRNER (Org.). *O surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008 (adaptado).

As manifestações corporais na história das artes da cena muitas vezes demonstram as condições cotidianas de um determinado grupo social, como se pode observar na descrição acima do balé *Parade*, o qual reflete

- a) a falta de diversidade cultural na sua proposta estética.
- b) a alienação dos artistas em relação às tensões da Segunda Guerra Mundial.
- c) uma disputa cênica entre as linguagens das artes visuais, do figurino e da música.
- d) as inovações tecnológicas nas partes cênicas, musicais, coreográficas e de figurino.
- e) uma narrativa com encadeamentos claramente lógicos e lineares.

3. (Enem/2012)



Disponível em: www.metmuseum.org. Acesso em: 14 set. 2011. (Foto: Enem)

A figura apresentada é de um mosaico, produzido por volta do ano 300 d.C., encontrado na cidade de Lod, atual Estado de Israel. Nela, encontram-se elementos que representam uma característica política dos romanos no período, indicada em:

- a) Cruzadismo – conquista da terra santa.
- b) Patriotismo – exaltação da cultura local.
- c) Helenismo – apropriação da estética grega.
- d) Imperialismo – selvageria dos povos dominados.
- e) Expansionismo – diversidade dos territórios conquistados.

4. (Enem/2009)

A dança é importante para o índio preparar o corpo e a garganta e significa energia para o corpo, que fica robusto. Na aldeia, para preparo físico, dançamos desde cinco horas da manhã até seis horas da tarde, passa-se o dia inteiro dançando quando os padrinhos planejam a dança dos adolescentes. O padrinho é como um professor, um preparador físico dos adolescentes. Por exemplo, o padrinho sonha com um determinado canto e planeja para todos entoarem. Todos os tipos de dança vêm dos primeiros xavantes: *Wamarĩdzadadzeiwawẽ*, *Butséwawẽ*, *Tseretomodzatsewawẽ*, que foram descobrindo através da sabedoria como iria ser a cultura Xavante. Até hoje existe essa cultura, essa celebração. Quando o adolescente fura a orelha é obrigatório ele dançar toda a noite, tem de acordar meia-noite para dançar e cantar, é obrigatório, eles vão chamando um ao

outro com um grito especial.

WÉRÉ' É TSI'RÓBÓ, E. A dança e o canto-celebração da existência xavante. **VIS-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB**. V. 5, n. 2, dez. 2006.

A partir das informações sobre a dança Xavante, conclui-se que o valor da diversidade artística e da tradição cultural apresentados originam-se da

- a) iniciativa individual do indígena para a prática da dança e do canto.
- b) excelente forma física apresentada pelo povo Xavante.
- c) multiculturalidade presente na sua manifestação cênica.
- d) inexistência de um planejamento da estética da dança, caracterizada pelo ineditismo.
- e) de uma identidade entre a gestualidade ancestral e a novidade dos cantos a serem entoados.

Fonte: <http://educacao.globo.com/>

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ufa!!! Chegamos ao final do nosso bate-papo, conversamos sobre muitas coisas, não é mesmo? Espero que vocês possam cada vez mais compreender a importância da arte e da beleza para as nossas vidas. Compreender o mundo como fonte de arte e cultura é fundamental para que possamos ter um mundo mais belo.

Temos consciência de que as nossas aulas são apenas a ponta do iceberg do que é a arte e como ela influencia as nossas vidas. Deixamos aqui a proposta de vocês buscarem mais conhecimento sobre a Filosofia da Arte e como ela pode ajudar a enxergar o mundo com outros olhares.

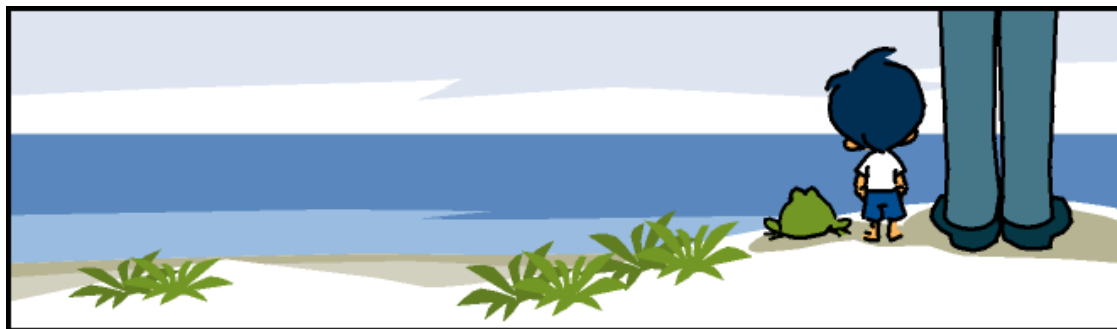
A nossa proposta foi identificar como a forma de pensar arte percorreu a história e chegou até os nossos dias. A Estética veio para colocar ordem na casa e nos ajuda a (re)pensar como que a arte, a beleza, o gosto se desenvolve e nos ajuda a refletir o por que gostamos da forma que gostamos, como vemos o belo e o feio e como construímos os nossos próprios sentimentos.

É justamente a partir daí que podemos e descobrimos como somos, como aprendemos, como gostamos, como amamos e buscamos a felicidade como objeto fim de propósito de vida e na construção da nossa própria autobiografia. Tudo isso com intuito de você compreender como vivemos e relacionamos num mundo onde a reflexão e a busca do bem fazer são cada vez

mais necessários. Por fim, não se esqueça: faça aquilo que você ama e nunca terá nenhum trabalho na sua vida! Mas, se tiver, que seja o bem fazer!

Porém, não vamos descansar, pois aprender não ocupa espaço, não é mesmo? Por isso, deixo abaixo algumas sugestões de investimento filosófico!

Reflexão:



Diego não conhecia o mar.

O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.

E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano - Livros dos Abraços

Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

7.1. Leitura Sugerida:



- Iniciação à Estética (Biblioteca Áurea)

Autor: Ariano Suassuna. **Editora:** Nova Fronteira.

Resumo: Escrito no tempo em que Ariano Suassuna lecionava Estética na Universidade Federal de Pernambuco, este livro é uma iniciação à disciplina, aqui entendida como uma Filosofia da Beleza e, consequentemente, da arte. Aqui são apresentadas desde as opções iniciais da Estética e seus métodos mais frequentes de estudo até uma reflexão geral sobre o universo

das artes, passando pelas principais teorias sobre a beleza surgidas ao longo do tempo, de Platão aos nossos dias. Com uma linguagem bastante acessível e uma abordagem didática, esta é uma obra fundamental para todos aqueles que pretendem se iniciar no campo da Filosofia da Arte.

8. RESUMO

Nestas Orientações de Estudos 1 – Bimestre 1 de 2020, Filosofia – 3ª série, você aprendeu:

- No vídeo proposto que a beleza faz parte da nossa vida e como a Filosofia criou uma das suas mais importantes áreas, a Estética;
- Como a Estética foi pensada e construída através da história, perpassando pela definição de arte e a contemplação da beleza;
- Como a arte foi pensada na história, desde a sua ligação com a natureza até a sua reformulação do sublime e abstrata;
- A profa. Marilena Chaui em seu texto nos trouxe uma fantástica aula sobre a Arte e a Técnica, como se relacionava a arte no passado e como podemos compreender em nossos dias;
- A relação entre o belo e o feio, como percebemos a beleza no sentido neutro da arte e como a feiura pode ser algo enigmático no contexto dos valores do ser humano;
- Vimos que gosto não só se discute e aprende e através de Kant compreendemos melhor sobre a universalização da beleza;
- Schiller nos trouxe também a Estética no contexto do sentimento, como a sensibilidade humana faz com que repensemos os nossos valores de beleza;
- Por fim, trouxemos alguns exercícios do Enem para poder exercitar e praticar filosoficamente.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ARGAN, G. C. **Arte Moderna**: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BELO, R. S. **360º Filosofia**: histórias e dilemas. Vol. Único, 1 ed. São Paulo: FTD, 2015.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Vol. 1, 11 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CAIRUS, B. G. **Estética e arte**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FEITOSA, C. **Explicando a Filosofia com Arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GLOBO.COM. **Educação**: Simplifique seus estudos para o Enem. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

JAPIASSÚ, H. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

PESSOA, F.; COSTA, R. **Estética**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2016.

SCHILLER, F. **Sobre a Educação Estética do ser Humano numa serie de cartas e outros textos**. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1993.